

## DOMINGO XXXII DO TEMPO COMUM

### CIC 519-521: Cristo deu a sua vida por nós

- 519** Toda a riqueza de Cristo «se destina a todos os homens e constitui o bem de cada um»<sup>1</sup>. Cristo não viveu para Si mesmo, mas *para nós*, desde a Encarnação «por nós homens e para nossa salvação»<sup>2</sup>, até à sua morte «por causa dos nossos pecados» (1 Cor 15, 3) e à sua ressurreição «para nossa justificação» (Rm 4, 25). Ainda agora, Ele é «o nosso advogado junto do Pai» (1 Jo 2, 1), «sempre vivo para interceder por nós» (Heb 7, 25). Com tudo o que viveu e sofreu por nós, uma vez por todas, Ele está para sempre presente «em nosso favor, na presença de Deus» (Heb 9, 24).
- 520** Em toda a sua vida, Jesus mostra-Se como *nosso modelo*<sup>3</sup>: é «o homem perfeito»<sup>4</sup>, que nos convida a tornarmo-nos seus discípulos e a segui-Lo; com a sua humilhação, deu-nos um exemplo a imitar<sup>5</sup>; com a sua oração, convida-nos à oração<sup>6</sup>; com a sua pobreza, incita-nos a aceitar livremente o despojamento e as perseguições<sup>7</sup>.
- 521** Tudo o que Cristo viveu, Ele próprio faz com que o possamos *viver n'Ele* e Ele *vivê-lo em nós*. «Pela sua Encarnação, o Filho de Deus uniu-Se, de certo modo, a cada homem»<sup>8</sup>. Nós somos chamados a ser um só com Ele; Ele faz-nos comungar, enquanto membros do seu corpo, em tudo o que Ele próprio viveu na sua carne por nós, e como nosso modelo:
- «Devemos continuar a completar em nós os estados e mistérios da vida de Jesus e pedir-Lhe continuamente que Se digne consumá-los perfeitamente em nós e em toda a sua Igreja [...]. Na verdade, o Filho de Deus deseja comunicar e prolongar, de certo modo, os seus mistérios em nós e em toda a sua Igreja, quer pelas graças que decidiu conceder-nos, quer pelos efeitos que deseja produzir em nós, por meio destes mistérios. É neste sentido que Ele quer completá-los em nós»<sup>9</sup>.

<sup>1</sup> JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptor hominis*, 11: AAS 71 (1979) 278.

<sup>2</sup> Cf. *Símbolo Niceno-Constantinopolitano*: DS 150.

<sup>3</sup> Cf. Rm 15, 5; Fl 2, 5.

<sup>4</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 38: AAS 58 (1966) 1055.

<sup>5</sup> Cf. Jo 13, 15.

<sup>6</sup> Cf. Lc 11, 1.

<sup>7</sup> Cf. Mt 5, 11-12.

<sup>8</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

<sup>9</sup> SÃO JOÃO EUDES: *Le royaume de Jésus*, 3, 4: *Oeuvres complètes*, v. 1 (Vannes 1905) p. 310-311 [2ª leitura do Ofício de Leituras de sexta-feira da 33ª semana do Tempo Comum: *Liturgia das Horas*, v. 4 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 539].

## CIC 2544-2547: a pobreza de coração

- 2544** Jesus impõe aos seus discípulos que O prefiram a tudo e a todos e propõe-lhes que renunciem a todos os seus bens<sup>10</sup> por causa d'Ele e do Evangelho<sup>11</sup>. Pouco antes da sua paixão, deu-lhes o exemplo da pobre viúva de Jerusalém que, da sua penúria, deu tudo o que tinha para viver<sup>12</sup>. O preceito do desapego das riquezas é obrigatório para entrar no Reino dos céus.
- 2545** Todos os fiéis de Cristo devem «ordenar rectamente os próprios afectos, para não serem impedidos de avançar na perfeição da caridade pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas, em oposição ao espírito de pobreza evangélica»<sup>13</sup>.
- 2546** «Bem-aventurados os pobres em espírito» (*Mt* 5, 3). As bem-aventuranças revelam uma ordem de felicidade e de graça, de beleza e de paz. Jesus celebra a alegria dos pobres, aos quais o Reino pertence desde já<sup>14</sup>:  
«O Verbo chama “pobreza em espírito” à humildade voluntária do espírito humano e à sua renúncia; e o Apóstolo dá-nos como exemplo a pobreza de Deus, quando diz: «Ele fez-Se pobre por nós (2 *Cor* 8, 9)»<sup>15</sup>.
- 2547** O Senhor lamenta-Se dos ricos, porque eles encontram a sua consolação na abundância de bens<sup>16</sup>. «O orgulhoso procura o poder terreno, ao passo que o pobre em espírito procura o Reino dos céus»<sup>17</sup>. O abandono à providência do Pai do céu liberta da preocupação pelo amanhã. A confiança em Deus dispõe para a bem-aventurança dos pobres<sup>18</sup>. Eles verão a Deus.

## CIC 1434, 1438, 1753, 1969, 2447: a esmola

- 1434** A penitência interior do cristão pode ter expressões muito variadas. A Escritura e os Padres insistem sobretudo em três formas: *o jejum, a oração e a esmola*<sup>19</sup>, que exprimem a conversão, em relação a si mesmo, a Deus e aos outros. A par da purificação radical operada pelo Baptismo ou pelo martírio, citam, como meios de obter o perdão dos pecados, os esforços realizados para se reconciliar com o próximo, as lágrimas de penitência, a preocupação com a salvação do próximo<sup>20</sup>, a intercessão dos santos e a prática da caridade «que cobre uma multidão de pecados» (*1 Pe* 4, 8).

<sup>10</sup> Cf. *Lc* 14, 33.

<sup>11</sup> Cf. *Mt* 8, 35.

<sup>12</sup> Cf. *Lc* 21, 4.

<sup>13</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42: AAS 57 (1965) 49.

<sup>14</sup> Cf. *Lc* 6, 20.

<sup>15</sup> SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *De beatitudinibus*, oratio 1: *Gregorii Nysenni opera*, ed. W. JAEGER, v. 7/2 (Leiden 1992) p. 83 (PG 44, 1200).

<sup>16</sup> Cf. *Lc* 6, 24.

<sup>17</sup> SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 1, 1, 3: CCL 35, 4 (PL 34, 1232).

<sup>18</sup> Cf. *Mt* 6, 25-34.

<sup>19</sup> Cf. *Tb* 12, 8; *Mt* 6, 1-8.

<sup>20</sup> Cf. *Tg* 5, 20.

**1438** *Os tempos e os dias de penitência* no decorrer do Ano Litúrgico (tempo da Quaresma, cada sexta-feira em memória da morte do Senhor) são momentos fortes da prática penitencial da Igreja<sup>21</sup>. Estes tempos são particularmente apropriados para os exercícios espirituais, as liturgias penitenciais, as peregrinações em sinal de penitência, as privações voluntárias como o jejum e a esmola, a partilha fraterna (obras caritativas e missionárias).

**1753** Uma intenção boa (por exemplo: ajudar o próximo) não torna bom nem justo um comportamento em si mesmo desordenado (como a mentira e a maledicência). O fim não justifica os meios. Assim, não se pode justificar a condenação dum inocente como meio legítimo para salvar o povo. Pelo contrário, uma intenção má acrescentada (por exemplo, a vanglória) torna mau um acto que, em si, pode ser bom (como a esmola<sup>22</sup>).

**1969** A Lei nova *pratica os actos da religião*: a esmola, a oração, o jejum, ordenando-os para «o Pai que vê no segredo», ao contrário do desejo «de ser visto pelos homens»<sup>23</sup>. A sua oração é o «Pai Nosso»<sup>24</sup>.

**2447** As *obras de misericórdia* são as acções caridosas pelas quais vamos em ajuda do nosso próximo, nas suas necessidades corporais e espirituais<sup>25</sup>. Instruir, aconselhar, consolar, confortar, são obras de misericórdia espirituais, como perdoar e suportar com paciência. As obras de misericórdia corporais consistem nomeadamente em dar de comer a quem tem fome, albergar quem não tem tecto, vestir os nus, visitar os doentes e os presos, sepultar os mortos<sup>26</sup>. Entre estes gestos, a esmola dada aos pobres<sup>27</sup> é um dos principais testemunhos da caridade fraterna e também uma prática de justiça que agrada a Deus<sup>28</sup>:

«Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma, e quem tem mantimentos, faça o mesmo» (Lc 3, 11). «Dai antes de esmola do que possuis, e tudo para vós ficará limpo» (Lc 11, 41). «Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e precisarem do alimento quotidiano, e um de vós lhe disser: “Ide em paz; tratai de vos aquecer e de matar a fome”, mas não lhes der o que é necessário para o corpo, de que lhes aproveitará?» (Tg 2, 15-16)<sup>29</sup>.

#### **CIC 2581-2584: Elias e a conversão do coração**

**2581** O templo devia ser, para o povo de Deus, o lugar da sua educação para a oração: as peregrinações, as festas, os sacrifícios, a oblação vespertina, o incenso, os «pães da proposição», todos esses sinais da santidade e da glória do Deus altíssimo e tão próximo, eram apelos e caminhos de oração. Muitas vezes, porém, o ritualismo arrastava o povo para um culto demasiadamente exterior.

<sup>21</sup> Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. *Sacrosanctum Concilium*, 109-110: AAS 56 (1964) 127; CIC can. 1249-1253; CCEO can. 880-883.

<sup>22</sup> Cf. Mt 6, 2-4.

<sup>23</sup> Cf. Mt 6, 1-6; 16-18.

<sup>24</sup> Cf. Mt 6, 9-13.

<sup>25</sup> Cf. Is 58, 6-7; Heb 13, 3.

<sup>26</sup> Cf. Mt 25, 31-46.

<sup>27</sup> Cf. Tb 4, 5-11; Sir 17, 18.

<sup>28</sup> Cf. Mt 6, 2-4.

<sup>29</sup> Cf. 1 Jo 3, 17.

Faltava-lhe a educação da fé e a conversão do coração. Foi essa a missão dos profetas, antes e depois do Exílio.

**2582** Elias é o pai dos profetas, da «geração dos que procuram a Deus, dos que procuram a face do Deus de Jacob»<sup>30</sup>. O seu nome – «O Senhor é o meu Deus» – é prenúncio do grito do povo em resposta à sua oração no monte Carmelo<sup>31</sup>. São Tiago remete para ele quando nos incita à oração: «Muito pode a oração persistente dum justo» (*Tg* 5, 16)<sup>32</sup>.

**2583** Depois de ter aprendido a misericórdia no seu retiro na torrente de Querit, ensina à viúva de Sarepta a fé na Palavra de Deus, fé que ele confirma com a sua oração insistente: Deus faz voltar à vida o filho da viúva<sup>33</sup>.

Aquando do sacrifício no monte Carmelo, prova decisiva para a fé do povo de Deus, é em resposta à sua súplica que o fogo do Senhor consome o holocausto, «à hora de oferecer o sacrifício da tarde». «Responde-me, Senhor, responde-me!» são as palavras de Elias, que as liturgias orientais retomam na epiclese eucarística<sup>34</sup>.

Finalmente, retomando o caminho do deserto em direcção ao lugar onde o Deus vivo e verdadeiro Se revelou ao seu povo, Elias recolheu-se, como Moisés, «na cavidade do rochedo», até «passar» a presença misteriosa de Deus<sup>35</sup>. Mas será somente no monte da transfiguração que Se mostrará sem véu Aquele cuja face eles procuravam<sup>36</sup>: o conhecimento da glória de Deus está na face de Cristo, crucificado e ressuscitado<sup>37</sup>.

**2584** É no «a sós com Deus» que os profetas vão haurir luz e força para a sua missão. A sua oração não é uma fuga do mundo infiel, mas uma escuta da Palavra de Deus, às vezes um debate ou uma queixa e sempre uma intercessão que espera e prepara a intervenção do Deus Salvador, Senhor da história<sup>38</sup>.

### **CIC 1021-1022: o Juízo particular**

**1021** A morte põe termo à vida do homem, enquanto tempo aberto à aceitação ou à rejeição da graça divina, manifestada em Jesus Cristo<sup>39</sup>. O Novo Testamento fala do juízo, principalmente na perspectiva do encontro final com Cristo na sua segunda vinda. Mas também afirma, reiteradamente, a retribuição imediata depois da morte de cada qual, em função das suas obras e da sua fé. A parábola do pobre Lázaro<sup>40</sup> e a palavra de Cristo crucificado ao bom ladrão<sup>41</sup>, assim como

<sup>30</sup> Cf. *Sl* 24, 6.

<sup>31</sup> Cf. *1 Rs* 18, 39.

<sup>32</sup> Cf. *Tg* 5, 16-18.

<sup>33</sup> Cf. *1 Rs* 17, 7-24.

<sup>34</sup> Cf. *1 Rs* 18, 20-39.

<sup>35</sup> Cf. *1 Rs* 19, 1-14; *Ex* 33, 19-23.

<sup>36</sup> Cf. *Lc* 9, 30-35.

<sup>37</sup> Cf. *2 Cor* 4, 6.

<sup>38</sup> Cf. *Am* 7, 2.5; *Is* 6, 5.8.11; *Jr* 1, 6; 15, 15-18; 20, 7-18.

<sup>39</sup> Cf. *2 Tm* 1, 9-10.

<sup>40</sup> Cf. *Lc* 16, 22.

<sup>41</sup> Cf. *Lc* 23, 43.

outros textos do Novo Testamento<sup>42</sup>, falam dum destino final da alma<sup>43</sup>, o qual pode ser diferente para umas e para outras.

**1022** Ao morrer, cada homem recebe na sua alma imortal a retribuição eterna, num juízo particular que põe a sua vida em referência a Cristo, quer através duma purificação<sup>44</sup>, quer para entrar imediatamente na felicidade do céu<sup>45</sup>, quer para se condenar imediatamente para sempre<sup>46</sup>.

«Ao entardecer desta vida, examinar-te-ão no amor»<sup>47</sup>.

<sup>42</sup> Cf. *2 Cor* 5, 8; *Fl* 1, 23; *Heb* 9, 27; 12, 23.

<sup>43</sup> Cf. *Mt* 16, 26.

<sup>44</sup> Cf. II CONCÍLIO DE LIÃO, *Professio fidei Michaelis Palaeologi imperatoris*: DS 856; CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decr. pro Graecis*: DS 1304; CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 25ª, *Decretum de purgatorio*: DS 1820.

<sup>45</sup> Cf. II CONCÍLIO DE LIÃO, *Professio fidei Michaelis Palaeologi imperatoris*: DS 857; JOÃO XXII, *Bulla Ne super his*: DS 991; BENTO XII, *Const. Benedictus Deus*: DS 1000-1001; CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decr. pro Graecis*: DS 1305.

<sup>46</sup> Cf. II CONCÍLIO DE LIÃO, *Professio fidei Michaelis Palaeologi imperatoris*: DS 858; BENTO XII, *Const. Benedictus Deus*: DS 1002; CONCÍLIO DE FLORENÇA, *Decr. pro Graecis*: DS 1306.

<sup>47</sup> SÃO JOÃO DA CRUZ, *Avisos y sentencias*, 57: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 13 (Burgos 1931), p. 238 [SÃO JOÃO DA CRUZ, *Ditos de luz e amor*, 57: *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 1015].